

# BRASIL-PORTUGAL

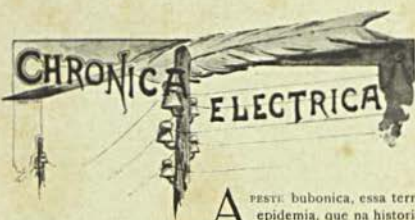
1 DE SETEMBRO DE 1899

N.º 15



Cidade de Anális Fomesa

A VOLTA DO SENHOR DA SERRA



**A** peste bubonica, essa terrível epidemia, que na historia se aponta como o mais terrível dos flagellos que assolaram a humanidade na Edade Media, e que ainda recentemente na India estava fazendo tantas victimas, que ao lermos o numero d'ellas arripiavam-se-nos os cabellos, a peste bubonica — de que a gente ouvia fallar como uma coisa que apparecera ha muito tempo, ou apparecia muito longe, — a peste bubonica está no Porto.

Esta noticia aterrorisa, espanta, faz estremecer. Mas, pega a gente nos jornaes, lê todos os longos artigos, os variados telegrammas, os extensos noticiarios que elles publicam, e chegamos a esta relativamente consoladora conclusão: a peste bubonica que se introduziu no Porto, é uma peste pacata, pouco exigente, uma peste que veio visitar Portugal, como a gente vae visitar as pessoas das nossas relações, para saber como estão... Não fica para jantar!...

Mas se a peste, ou pela epocha em que veio, ou por qualquer outro motivo, se apresenta com caracter benigno, os resultados que d'essa visita veem para Portugal são prejudicialissimos, e as responsabilidades com que é necessario arcar para que esses resultados não se tornem ainda mais prejudiciaes e desastrosos, são de tal ordem, que muitos hesitaram em tomal-as.

O sr. presidente de conselho ouvia o sr. dr. Ricardo Jorge: Ha peste!

Ouvia os industriaes e commerciantes do Porto: Não ha peste! E choviam os telegrammas: Ha peste!

Senhor, sim! dizia o dr. Ricardo Jorge. Senhor, não! gritavam as associações industriaes e commerciantes do Porto.

E neste Senhor, sim! e Senhor, não! se passou algum tempo, até que o governo convocou a Junta Consultiva de Saude, participou-lhe o que se dizia haver e não haver, sentou-se n'uma poltrona, e parodiando Bocage, murmurou:

Se ha peste ou não  
Elles o dirão.

E elles disseram que havia.

Declarada oficialmente a existencia da peste, começaram as providencias do governo, os conselhos hygienicos dos jornaes, e as reclamações dos varios *leitores constantes* e *antigos assignantes* contra todos os focos de infecção de ao pé da porta.

Das providencias do governo ha a notar o estabelecimento do cordão sanitario em volta do Porto.

3200 infantes e 400 cavalleiros foram encarregados de impedir que do Porto saia cá para fóra, seja quem fór, sem primeiro passar pela desinfecção.

Um cerco em regra, com a differença que nos tempos de guerra quem passa é passado pelas armas, em tempo de epidemia quem passa é passado pela desinfecção.

Dizem, porém, os jornaes que o cordão sanitario teve apenas o defeito de vir um pouco tarde. No Porto não está já ninguém, ou quasi ninguém, e a peste se quizesse alastrar-se ver-se-hia em serios embaraços.

A não ser a commissão de medicos que foi de Lisboa, e o dr. Ricardo Jorge, que já lá estava, e dois ou tres pestíferos, não consta que no Porto exista mais alguém.

D'ahi talvez a desnecessidade de considerar como manifestação de protesto o facto de terem fechado todas as lojas do Porto.

Sem freguezes, sem patrões e sem caixeiros, as lojas só tinham uma coisa a fazer: fecharem-se por si proprias.

Não é uma manifestação de protesto, é uma manifestação de solidão.

Entre os conselhos hygienicos dados pelos jornaes, avulta o de se acabar com os beijos e apertos de mão.

Alguns jornaes apresentam mesmo a ideia de serem substituidos pela continencia militar, ás vezes, a palma da mão para dentro.

Não será o *Brasil-Portugal* quem se insurja contra semelhante coisa, mas calcula que deve ser espantosa a situação de dois noivos, em plena lua de mel, a passarem o periodo mais *arrulhador* da sua vida a fazerem continencia um ao outro.

*Elle — perfilando-se, calcunhares unidas, não aberta de encontro d'leita — Amo-te, Maria.*

*Ella — perfilando-se — Adoro-te, José.*

*Ambos — ao mesmo tempo — Passe de largo!...*

Quanto ás reclamações contra os focos de infecção chegaram a um ponto atterrador.

O inquilino do primeiro andar anda de birra com o visinho do segundo. Catrapuz! carta para os jornaes:

*\*Sr. Redactor. — Agora que tanto se pensa na salubridade publica, chamo a attenção das auctoridades competentes para o foco de infecção que existe na rua tal, numero tantos, segundo andar. A casa exhala um cheiro detestavel, e o despejo do morador chega ao ponto de não despejar o barril do lixo. A bem da saude publica, peço providencias.*

*Constante leitor.\**

No dia seguinte, outra carta d'um antigo assignante chamando a attenção da auctoridade para a immundicie do primeiro andar. E' a desforra do visinho.

*Brasil-Portugal.*

## Ao Luar de Agosto

No vasto leito d'ouro e de coraes e pérolas,  
Labuta sem cessar o Mar da cór da prata...  
Que musica! que sons! que estranha serenata!  
— Rugidos de tormenta, e symphonias cêrulas  
De avelludados sons cantantes, de cascata!

A Lua, toda plena, em dóce irradiação,  
Sem sombras e sem nimbo, apetece beijal-a!  
Hostia d'Amór erguida em Ceo setim de opala...  
Tremem cheios de luz os Astros na amplitude:  
— De Noivas virginaes, Almas que Deus embala!...

E sob este docel, — as minhas phantasias,  
Invocadas no Sonho e por elle dispersas,  
Vêjo-as então surgir de regiões diversas,  
Em longa Proccissão, translucidas e frias,  
Caminhando ao Luar em lagrimas immersas...

Na minha Alma executa um Violino nervoso,  
Musicas de Saudade e orvalhos matutinos...  
E ao longe, a voz plangente e funebre dos sinos,  
De alguma ermida velha, em valle mysterioso,  
Ouve-se lentamente em commovidos hymnos.

N'essa Noite de febre, os cardos do Desgosto,  
Que dão as Commocções, — e custa bem soffrel-as! —  
Trouxeram-me no Sonho as Chimeras mais bellas  
D'um Passado de luz!

N'essa Noite de Agosto  
*Chorando vi chorar as pallidas Estrellas!*

Rio de Janeiro, 10-julho-99.

ABILIO MAYA.



# O SENHOR DA SERRA

**P**ESTE e cyrios. Quem diria que logicamente haviam de conjugar-se estas duas palavras tão antagonicas que uma representando a alegria, a vida, o bulicio, parece estar a desdizer e repellar a outra que symbolisa apenas terror e morte!

Estamos no mez dos cyrios. Estamos no mez da peste. Quiz o acaso — esse porta voz da Providencia — que os cyrios devendo a sua origem á peste coincidissem com ella. Foi n'um anno de peste que se instituiu o primeiro cyrio ao mesmo tempo que se celebrava a festa do Senhor da Serra.

Tal era a devoção do povo de Lisboa por essa humilde figura do Nazareno que do alto da Serra de Bellas ainda hoje abre os braços misericordiosos para uma romaria enorme, que no mesmo dia vai todos os annos pedir-lhe graças e consolações!

Não nos parece que apesar de atravessarmos o mez da peste fosse a divina graça de acabar com a peste maldita que os forasteiros d'este anno implorassem do Senhor da Serra.

Estamos até em crer que a não chegarem a implorar pela simples razão de se não lembrarem que ella existia. Só o povo do Porto podia dirigir ao Senhor de Bellas essa supplica especial. Mas esse não tinha logar na romaria, porque o governo, a Junta de Saude e o sr. Chapuy não davam licença.

Hoje em dia a fé nas imagens e a crença nos milagres é subjugada e batida pela fé nos desinfectantes e o rigor nas inspecções. No tempo que vai correndo de apostatas e de herejes, vulgò epoca do progresso, pode mais o sr. Ricardo Jorge com o Microbio buhónico n'uma das mãos e o injector da vaccina Kafkine na outra de que o Senhor de Bellas ou a Senhora da Atalaya, lançando sobre os povos olhares piedosos e clementes. Andam de ha muito desavindos os medicos com os thaumaturgos, não ha que ver, e os atacados da Peste chegam a encontrar mais esperanças e alivios no hospital de Guellas de Pau que no Reino da Gloria. Um ou outro caso de protesto apparece sporadicamente como agora no Porto em que o sabio denunciador da Peste cremos que chegou a ser apedrejado. Mas esse incidente isolado, esse parentese aberto, não é, como para ahí se tem dito, uma reversão da epocas de barbaria. Foi um desalogo, um desabafo, uma *revanche* de portuguezes, uma affirmação eloquente e expansiva do feito meridional que preferer ser docemente illudido a ser terrivelmente desenganado.

Mas iamós nós dizendo que os forasteiros de Lisboa não foram decerto pedir ao Senhor da Serra que acabasse com a Peste. Qual peste, nem meia peste! Olhas bem para esses grupos que a objectiva de Arnaldo Fonseca tão fielmente reproduz, e podes jurar, sem perigo de cabir em erro, que nem a sombra de semelhante ideia passou por nenhuma de tantas cabeças.

E começar pelo que constitue a primeira pagina d'este mundo e percorrer todos os grupos que estas palavras acompanham. E' verificar se n'estas caras alegres, n'estes gestos desempedidos, n'este *sans façon* de trajos e de attitudes, ha qualquer coisa que denote sombra de preocupação ou desgosto. E' que n'este dia excepcional os desgostos e as preocupações mandam-se de presente ao demo, e tira-se a desforra, uma desforra geral, completa, triumphante, de todas as sensaborias e azares que pelo anno adiante se foram curtindo.

«Ai, Senhor da Serra, ai, Senhora da Atalaya, bendito sejaes por este dia bendito.»

Para o Senhor da Serra! Eh! rapazes, eh! raparigas, vamos, toca a marchar, para se não perder pitada da festa, que promete ser de estroendo. Que não esqueça o pharrel, que tal ficou o pato com arroz? esse carneiro que venha bem corado, e a respeito de vinho, quer-se uma pinga d'estalo, que fique a gente a lambes os beiços, a chorar por mais!

E lá vão, o Senhor de Bellas, paes, filhos, mães, avós, amantes, filhas, netas, familias inteiras, tribus completas. Fazem-se as pazes, perdoam-se as injurias, permutam-se juramentos e protestos

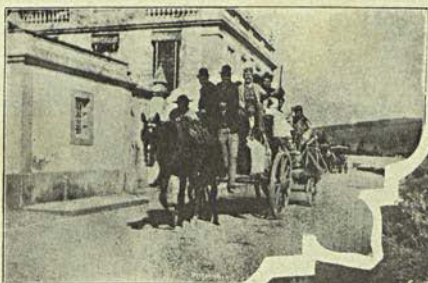
de *boa lingua*, de fidelidade conjugal, de paz e socego no futuro, e tal é a expansibilidade que a alegria produz, que até muda os genros em filhos carinhosos e faz das sogras creaturas angelicas!

E elles lá vão todos, uns em ranchos, a pé, outros em carroças, e a maior parte no caminho de ferro que em meia hora os põe em Bellas e os lança precipitadamente nos brinquedos e folgares do dia.

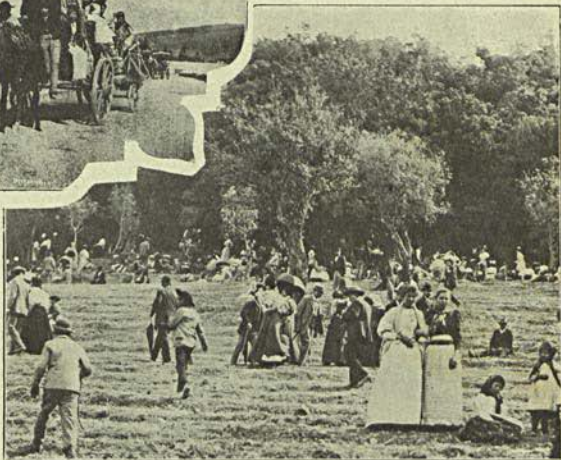
E pela poeirenta e longa estrada que da estação vai ao largo marginando pela direita, lá adiante, a Quinta do Marquez, elles lá vão, lá vai essa enorme e variada procissão de forasteiros, que á ida não se desentranham ainda n'aquella expansibilidade ruidosa e communicativa que é o caracteristico da volta. E' cedo, é preciso que o calor abrañe e se mate a sede, para não dizer o bicho, afim de evitar que se susceptibilise algum ouvido mais sensivel.

Antes de tudo, é sabido que um preceito obrigado em todas as romarias é começar por fazer bem ao estomago. E ha então o que na cidade não pode haver: franqueza, liberdade, *nature* — diriam elles, se arranhassem o francez.

A quinta, a famosa quinta umas poucas de vezes secular, que o sr. Borges de Almeida trata com apurado gosto, mantendo nobremente a tradição que lhe dá este dia festivo, está mais que nunca convidativa e attraente.



A caminho de Bellas



Na quinta do Marquez

As suas arvores colossaes, as suas encostas desafogadas, os seus verdes prados, os seus largos trechos de planicie, o seu aspecto senhoril, convidam a entrar.

Agora sim. Ao abrigo d'estas arvores, sob a sombra amiga d'estes ramos, que nos importa o mundo com todas as suas fabricas, e as suas lojas e as suas officinas! A verdadeira officina, a verdadeira loja, a verdadeira fabrica, é esta. Aqui respira-se, come-se, bebe-se, dança-se, ama-se, goza-se. Vira a folia, viva o Senhor da Serra! Vamos! é dançar, é cantar! Então, essa gaita de folles não se ouve? Não toca lá esse harmonio? O cego não faz chorar essa guitarra? Eh! cachopas, eh! Vamos. Comece já o baile de roda!

E emquanto as cantorias se fazem ouvir, e as ovarinas com os seus requebros e attitudes de dansa despertam os mais indifferentes e algumas ralam de ciúmes os seus conversados, pelas veredas da encosta, sobre a toalha de relva, em que as melancias põem notas hilariantes, são esquarterados sem dó os leitões assados, o vinho corre abundante dos picaros para as guellas, o pato com arroz tem as honras em todas estas refeições, o cabrito inteiro, entendido nas travessas, parece supplicar que o não comam, os furões ou as perdizes n'um ou n'outro d'estes banquetes mais lucullianos, antes de se metterem pela boca, mettem-se pelos olhos dentro, e as frutas appetitosas e frescas enchem o ultimo acto d'esta comedia saborosa e jovial.

Ora, graças a Deus que está o estomago aconchegado, o pé leve, a cabeça ainda no seu logar. Graças sejam dadas ao Senhor da Serra, e é preciso irmos em pessoa vital-o e agradecer-lhe.

E' ainda lá muito em cima a capella. Que importa! Até lá vai-se



gozando o caminho e vai-se trepando a pouco e pouco pelo íngreme carroiro que nos leva á santa capella.

Tão santa como pequenina, e tão pequenina que até parece incrível caber lá um Senhor de tanto poder.

Elle pode contra a peste e — apesar de estar ali ha muitos annos — ainda o seu poder não enfraqueceu — elle pode contra todos os males da terra, elle dá vista aos cegos, faz andar os coxos, e se for preciso casa n'um rufo as raparigas com os seus conversados. Não, que se torna necessario ter muita fé no Senhor da Serra, fazer-lhe promessas em momentos apertados, e vir fielmente cumpril-as — não se lembre o *Espirito do Mal* de fazer alguma das suas.

E ahí está por que os fieisromeiros do Senhor da Serra parecem todos elles o dom da previsão, o poder de se aboerem acau-



A merenda

tellar. Ahí está porque todos elles, uma vez dentro da capella, se preparam com todos os sacramentos, se munem com todos os passaportes, enfim chamam a si todos os matadores, para entrarem do caminho da serra no caminho da gloria.

E aqui teem porque todos elles, e ellas, depois de ajoelharem e fazerem oração, e baterem muitas vezes no peito, em contrição dos peccados, deixam a sua verbasinha na caixa das esmolas, e compram medalhas, e rosarios e *registos*, que trazem e guardam com carinho, para pelo anno adiante estarem sempre perto do Senhor milagroso.

Mas a oração findou, está cumprido o ritual do dia, e o coração mais aliviado, e só a cabeça... mais pesada. Toca a debandar, é pular por essa encosta abaixo, dar uma volta ao largo e partir para a estação, que está a cabir a noite. E cada um com o seu *registro* no chapéu ou no carapuço, e ellas com as suas medalhas e rosarios, lá vem todas de volta, a pé, em jericos, em char-á-bancas, em carroças, cantarolando, rindo, *bolando* larachas, empurrando-se uns aos outros, e alguns dos mais *espirituosos* dando mostras da graça luzitana em quebrar as canecas e as bilhas que teem expostas, cá em baixo ao fim da quin-

ta, os vendilhões ambulantes. E' que já n'essa altura o *espírito* tem todas as liberdades, porisso que acabou de ser purificado na presença do Senhor.

Elles e ellas trazem bem á vista o *registro* em que o Senhor da Serra, da cruz onde na estampa está pregado, parece perdoar todas as culpas. E então é mais do que nunca rir e folgar. Acabe-se bem o dia, com animação, com estrodo. Só se volta cá d'ahi a um anno, é tirar, nos minutos que faltam, o ventre de miserias.

O baile de roda, o baile de roda! Raparigas, vá, toca a dar as mãos e vá de banda! E o mais folgoso do grupo, começa logo o descante, forma-se o baile, e então é ver como dentro em pouco o enthusiasmo excede todas as medidas. E' que d'entre as danadoras destaca-se uma que a todas leva as lampas. Fixam-se n'ella os olhares e as palmas aclamam-n'a com triumpho. Sabe-se aivo de todas as atenções, conhece-se rainha e então é que é vel-a em plena liberdade de meneios e attitudes. Parece que lhe escalda

nas veias o sangue andaluz, ou antes, dir-se-ia um dos mais bellos exemplares da raça cigana.

Sae da roda, abandona as mãos que seguram as suas e lhe tohem a febre dos movimentos, e então, só, desembaraçado, triumphal, é que é vel-a!

Nenhuma bailarina de feira em voga tinha meneios mais quebrados, nenhuma se lambolava, com mais garbo, nenhuma sabia dar aos quadris um movimento mais rapido e provocante, nenhuma se collocava mais hirta e mais agil sobre as pontas dos dedos dos pés, nenhuma ostentava uma perna mais correcta e mais bem torneada, nenhuma deixava cair pelo pescoço e pelos hombros mais farta e luzida trança de cabelo azeviche!

A pouco trecho, a grande figura da romaria é ella. Por todos os outros ranchos e grupos destacados pela quinta a fama corre, e não passa muito tempo sem que de todos os lados, deixando bailes, merendas, descantes, venham todos e se precipitem para o grupo já engrossado, ao centro do qual, a rainha da tarde, a rainha da romaria, arranca palmas e vivas e bravos a todos os espectadores.

Eu assisti a esta scena unica. N'este dia, para esta gente, a esta hora, em que o vinho começa a mostrar a sua influencia buliciosa, acabadas já as refeições da praxe, o amor entra rapido pelos olhos e põe de parte processos de diplomacia e escusas cortezias. A cigana, porque o era, acabava de electrizar o grupo masculino que lhe admirava os requebros e vibrava convulso sob as chispas do seu olhar ardente.

Resistir mais tempo a tamanha tentação era impossivel. De todos as lados partem declarações, phrases apaixonadas, gaguejos, que nada tinham da corte, e mais de brutalidade que de espirito. Ella não os escutava, não os attendia, e toda entregue á sua arte, mal cuidada que cada requebro, cada meneio, cada movimento de ancas, cada attitude plastica, era uma provocação, era a origem de um conflicto!

Não tardou que elle rebentasse. Os mais amorosos, os mais ardentés não consentiam que ao lado d'elles outros tivessem o atrevimento de se dirigir áquelle mulher que assim dominava e se impunha. Começam então a cruzar-se os ápartes, veem reticencias, indirectas, meias injurias, e por fim insulto grosseiro, cara a cara. N'esta paixão tão de subito revelada, a parte maior

era a de vinho embulido, valha a verdade, e manda Deus que se diga. Não tarda muito que as chufas se transformem em desordem, em declarações em pauladas, e o enthusiasmo pela cigana n'um tremendo charivari.

Quando elle estava no seu *entrain*, robustecido é claro, pela policia que d'esta feita não appareceu *trop tard*, eu que por causa das durvidas me puz a distancia, e n'um plano um pouco elevado detei os olhos para os que continuavam em richa e para os que fugiam a sete pés, quiz ver pela ultima vez a Helena que se provocara esta guerra... de Bellas, mais accessa que a de Troya. Mas a Helena tinha desaparecido de todo. Deitou fogo ao rastilho e... abalou.

Logo no largo de Bellas, onde giram o carroussel, e se encarnam os titeres, e os barraqueiros albardam o bacalhau, assam costeletas e tritam peixe, e uma roleta solta distribue premios de loiça, enquanto outra ostenta *Querritas* e *Revertes* de cartão para atrahir jogadores, logo ahí osromeiros fazem tal estardalhaço que bem mostram ter deixado de os dominar o espirito... da oração e da penitencia! E na volta buliciosa e alegre pela estrada, os descantes não teem fim, a romaria *bat son plein*, os ditos crusam-se, trocam-se larachas, vibram gargalhadas. E' que a alma popular, enfim, para se desfornar n'esse dia dos dias amargos, para se vingar, para se expandir a toda a força, traz licença registada... do Senhor da Serra.

JAYME VICTOR.



Vae de banda...



Para Bellas... um pataco!

crusam-se, trocam-se larachas, vibram gargalhadas. E' que a alma popular, enfim, para se desfornar n'esse dia dos dias amargos, para se vingar, para se expandir a toda a força, traz licença registada... do Senhor da Serra.



# A SENHORA DA ATALAYA



A chegada a Aldegallega



A partida do Aterro



Vista geral da Atalaya

**A** FESTA Grande!  
E' assim que dos logarejos que domina e espreita n'um raio de muitas leguas o alto da Atalaya, se aclama mezes antes, a festa a vir.

Caiam-se os casinholos, remendam-se trapitos, preparam-se roupas novas... p'ra festa grande...

E a festa grande chega, e lá vão em romaria, nos cryrios, com muita fé e com muita esperança as cachopas nas suas chitas tezas, queimar as azas fulvas na fogueira do arraial... e queimá-las com muita caridade.

As veihinhas, essas já não teem azas, nem azas nem alento, mas noite fóra, com o seu dedito engehadado e curvo, vão apontando ao longe, muito ao longe, a fogueira do arraial a arder, e a queimar as azas fulvas das cachopas...

Festa grande! Imbecilmente grande na crassa fé dos simples, animadamente grande na sua tonteria.

Fé. Vinho e Amor!...

A fé verificada n'uma qualquer promessa... por ter a Senhora da Atalaya patrocinado milagrosamente o trabalho parto d'uma vacca...

Vinho... vejam vocês a fama do Samouco!

E amor... succede que sendo em agosto a festa grande... é em maio o mais tardar, que os recenseamentos accusam um tributo enorme!

A chegada dos cryrios, sabbado, a Aldegallega é o começo da festa. E com mais quatro kilometros de má estrada a percorrer, ell os depois um a um trepando á ermida d'Atalaya.

Os de Lisboa com os seus anjinhos brancos, os seus irmãos de melena engraxada, o chapéu desabado, a capa azul e branca; as suas ovarinas de saias rodadas, o pé descalço ou metido na tamanquinha aguda e como aves saltitando sempre, que nunca ninguém as viu andar... humanamente!

Os de Palmella em carretas, a Senhora n'uma berlinda sob um baldaquino de damasco e a car-



Uma paragem

reta puxada por um burro orgulhosamente alajeado com urra colcha de crochet, d'essas da cama.

E outros e outros, com o seu pendão alçado, a imagemsinha n'um andor, tremelicando, anjos da cor do chocolate em cabelleiras encanudadas e lustrosas, uma phantasia de musica atraz, e a cauda dosromeiros... mafarricos alegres piriutando em cima de cavallos... e bebendo...

A' noite, a feira, o arraial, phantastico d'aspecto, visto estender-se a festa pelo declive d'Atalaya, e emergir da noite esoura esse monticulo, a chamejar por mil buracos a sua luz e a sua febre.



Os Caramellos

Canta-se dança-se. Já os cryrios s'installaram nas suas casas, illuminaram-lhes as fachadas, dão bailes. Uma chusma, duas, vinte, como filas de doidos que fossem n'um começo d'emigração, gritam n'um côro dissonante um canto popular:

Vá di banda di banda di banda  
Vá di banda di banda... oie  
Cá vas o Carlos maluco  
Que parece um chimpanzé...

E' um preto quem sutaca o verso, n'um passo triumphal, o olhar fasnucando-lhe nas trevas da cara, um dos braços gesticulando na angustia de uma correria selvagem...

Pobre Carlos maluco! Tinha dezoito tostões entre a palma d'um pé e a sola da bota, e era desertor... Alguem o conheceu, arrancou-o cruelmente á vida, estatalou-o nas palhas d'uma masmorra e lá esteve o radio alegre, entre quatro paredes esburacadas, o resto da festa, a ouvir rugir a turba, o reberdar dos foguetes, o resoar das musicas.

Cá vas o Carlos maluco...

E antes que o dia nasça, os caramellos, elles de jaqueta voltada, ellas de toalhas bordadas na cabeça, vão na sua velha romaria



Um cyrio a caminho da Atalaya

á fonte santa, á fonte milagrosa, molhar a cara, molhar as mãos, chafurdar, rir.

Proximo ao fio d'agua filias d'alguidares esperam freguezes, e o pregão repete-se: "A dez réis... é gentes... quem mais se faz?"

E já uma franja de prata borda em baixo, ao longe, ao rez dos montes, a cupula do ceu, e ainda a sarabanda é a mesma. Ninguém accorda porque ninguém dormiu. Apenas aspectos novos vem enquadrar a mesma embriaguez. Vinhas, pinhaes, o encalçado de Lisboa, a barra nevoenta, Palmella e o seu castello com os recortes nítidos das muralhas velhas...

O disco do sol sobe sobre sempre, agora rubro, depois cõr d'ouro. Ha nevoa entre as verduras, separando planos, esfumando-se, dissolvendo-se até que o sol já alto é uma poeira branca. Então a faina dos cyrios, a volta dos caramellos ao cruzeiro, a cavallo, sem chapéu, o pendão erguido, e as mulheres na garupa com o seu sceptro dourado. E é assim uma fila de cincoenta, n'um galopar de victoria, ellas com o seu perfil bonito, elles rudes, fortes, negros, brutos. E cada grupo lembra um rapto e um triumpho, e parece que assim caminham, na gloria d'um abraço, a oferecer á Senhora d'Atalaya um sacrificio pagão d'amor.

Sinos repicam, um bombio ou um tambor compassam a gemedura d'uma gaita de folles — como um pulmão doente que emorrassem — e os foguetes estalam constantemente, estridentemente.

Na ermida beija-se, no seu throno, o manto da Senhora, uma Senhora anã e sorridente espreitando atravez d'um vidro as outras Senhoras em baixo, que lá vão annualmente visital-a e se alinhnam pr'a semelhante preto aos lados da capella.

Ha promessas: — uma moça, chorosa, pendura duas tranças no manto da Senhora: — O' minha Mãe Santissima. E soluça, e soluça...

Mais tarde a prociissão, quando o sol começa a descer, é maior a sombra nos pinhaes e grupos comem, espojados na caramua dos pinheiros.

E de novo a noite cae e a orgia é a mesma.

E então, do cruzeiro á ermida, a todo o declive do alto, começam as promessas cheias d'uncção — gente de joelhos, segurando cyrios accesos, por entre a turba em festa, por entre danças, por entre berros, por entre o fremito da feira com todos os seus contactos, com todos os seus desejos, arrasta-se lixando os joelhos na areia da subida, alheia á sensualidade em que se atasca.

E a turba bebeda afasta-se...

Comprehende-se o respeito.

Fé... Vinho e Amor... Ninguém alli insulta a ingenua fé d'um simples.

O bebedo que grunhe e empurra, é venerado, como um santo doído.

E se acaso se topa n'um pinhal sem lua, um par cheio d'amor, não ha quem lhe mate o ocio com uma blasphemia...



O gaiteiro

Porque depois, passada a festa grande, a Fé vac-se no primeiro peccado ou na primeira morte... o Vinho é como um sonho já sonhado... e o Amor também se dilui, como o vinho e como a fé...

O' Mãe Santissima da moça das tranças negras!

ARNALDO FONSECA.



Um irmão



A chegada á Atalaya

Vá di banda, di banda, di banda,  
Vá di banda, di banda... olé  
Cá vai o Carlos maluco  
Que parece um chimpanzé.



Vae de banda...

Vá di banda, di banda, di banda,  
Vá di banda, di banda... olé  
A cara ficou-lhe á banda,  
Que a Rita passou-lhe o pé.







A maioria d'estas — os officiaes appellam para a honra e salvamento do exercito, pondo os olhos em extasi, declamando todos a mesma lenga-lengua, estudada cuidadosamente todos os dias de vespera.

Mas nem sempre estes ensaios dão resultado como aconteceu a madame Henry, de cuja comedia Bertholus expirou o exordio.

Depois do depoimento de Casimir Perier e authenticos que foram os telegrammas de Panizzardi e Schneider desmentindo as affirmações platonicas de Mercier e mais do que platonicas falsas, não menos espantosa é a acaração do capitão de marinha Froysstater com o coronel Maurel que se viu obrigado a confessar a bonita figura que fez em 1894, como presidente do conselho de guerra que, então, condemnou Dreyfus a deportação militar...

Seguindo-se passo a passo os extractos das audiencias de Rennes, onde tanta embulhada tem vindo á superficie, descobre-se que acima de tudo preside ali o espirito de *disziplinaria*.

Esta impressão cobrta de todos os incidentes, ali relatados, tinha até agora, antes dos ultimos depoimentos, collocando a questão muito ambigua, apesar de tudo ter sido favoravel ao accusado.

Ultimamente um correspondente especial do *New-York Herald* em Rennes, o notavel publicista, Marcel Prevost, descobriu nova cabala dos anti-dreyfusistas, á frente dos quaes vem o general Rogel.

Este complot propunha-se a fazer provar que o *borderaux* fora effectivamente torjado por Esterhazy, mas de cumplicidade com um tal W... que era amigo do major e de Dreyfus, recebendo d'este varios elementos que indirectamente foram dados ao transfuga para a confissão do *borderaux*.

Se Bertillon, com o seu *systema graphologicum* não conseguisse comprometter totalmente Dreyfus, este ficaria, pelo menos, incurso na cumplicidade, e que importava a pena de um anno a seis de prisão, salvando-se, por esta forma, todas as patularias occultas.

Parce, porem, que este ultimo cartucho dos *estadonajaristas* não surte o effecto desejado.

Agora estes ardís estrategicos e alem de todas as objurgatorias de Mercier, — o espantoso ridiculo do estado-maior, — consta que o illustre defensor de Dreyfus, está de posse dos nomes dos verdadeiros traidores. Ha de ser bello então, ouvir o discurso de defesa d'este insigne juriconsulto!



Dreyfus na prisão de Rennes

O suicidio do coronel Henry, a fuga do major Esterhazy, os desmentidos formos dos addidos militares estrangeiros a quem Mercier se referiu, constituem já um manancial esplendido de argumentos para a defesa.

Mas a tentativa de assassinato na pessoa de Labori, cujo crime (estamos convencidos) não é um facto isolado, acabou por demonstrar qual é o empenho que os anti-dreyfusistas tinham em abafar a questão.

Este attentado revolveu todo o mundo. De todos os paeses o illustre advogado recebeu telegrammas de pesar, mensagens de congratulação por não ter sido



Dreyfus protestando a sua innocencia

victima da nefanda brutalidade. A associação dos advogados portugueses, tambem cumpriu esse dever honroso para ella.

A attitude do capitão Dreyfus durante as audiencias tem sido admiravel, muito embora os jornaes, não affectos á sua causa, digam o contrario.

O desgraçado capitão tem-se limitado a protestar a sua innocencia, não querendo encher a sua defesa com o pungentissimo e causto quadro das suas amarguras na prisão, as quaes são tudo quanto ha de mais horrivel e lacinante.

E' de passar como uma creatura privada cinco annos de todos os elos da familia, accusado por milhões de almas, como traidor, illudido na sua loca fé de marido, cercado dos desabafos com os seus, posto varias vezes a ferro e supportando uma temperatura horrivel n'um ambiente, onde até o ceu lhe faltava para contempler, tenha ainda força para resistir a tudo quanto lhe stram á cara esses officiaes, — seus camaradas, — não havendo entre todas essas declarações uma unica prova material, juridica!

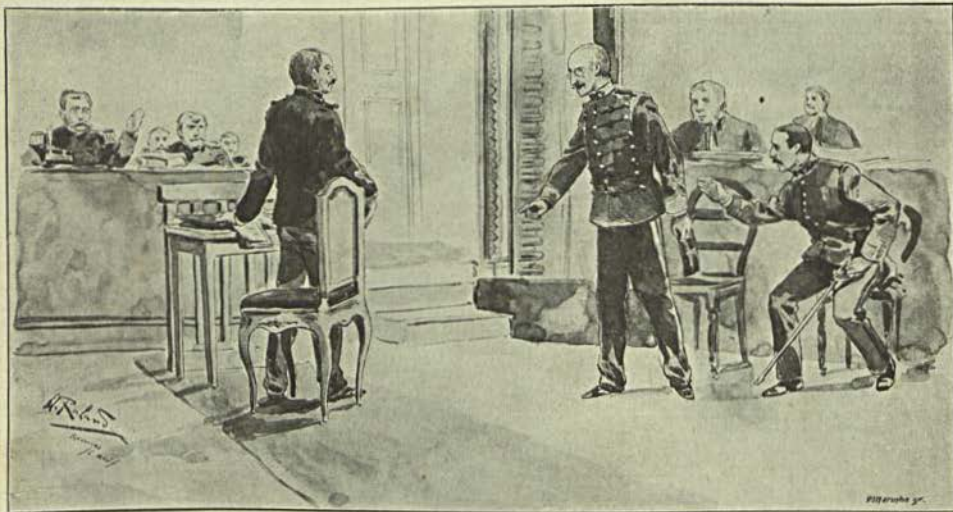
O desgraçado, defende-se de todos os seus inimigos conservando-se quasi sempre impassivel.

Mas em face de Mercier, Dreyfus exaltou-se, exclamando:

— Mas provez, o que affirmas, meu general.

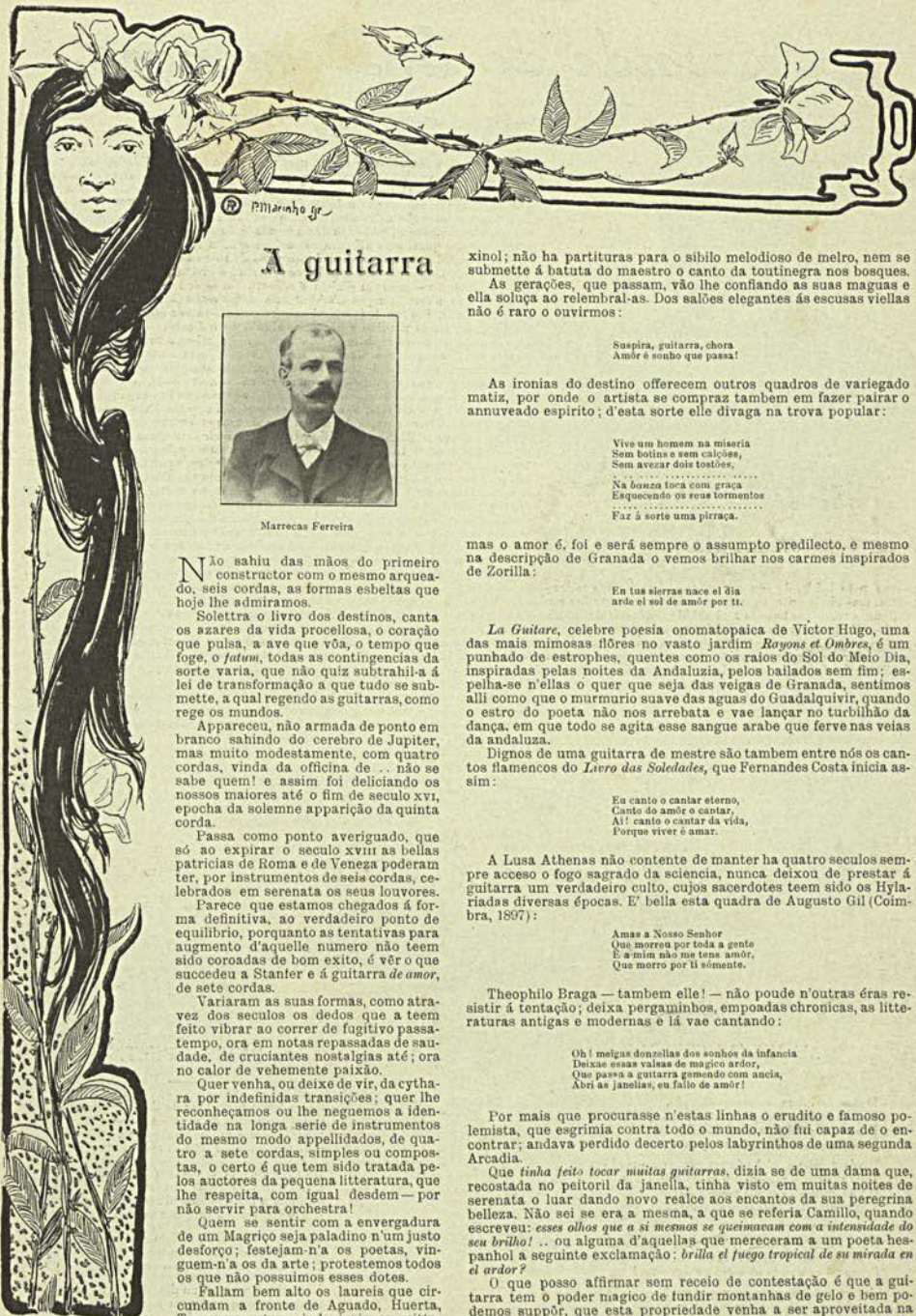
Pelo decorrer das ultimas sessões pode ter-se, como certo, que Dreyfus será absolvido.

Mas, estando proximos do desfecho da tragedia, a que assistimos com tanta curiosidade como emoção, aguardamos o resultado d'ella e confiamos que a Justiça de olhos vendados, symbolo velho, descubra agora um penoso a sua renda para deixar passar um martyr digno do respeito de todo o mundo.



Dreyfus protestando contra o depoimento do general Mercier





Marinha gr.

## A guitarra



Marrecas Ferreira

Não sahi das mãos do primeiro constructor com o mesmo arcaico, seis cordas, as formas esbeltas que hoje lhe admiramos.

Soletira o livro dos destinos, canta os szares da vida procellosa, o coração que pulsa, a ave que vóa, o tempo que fuge, o *fatum*, todas as contingencias da sorte varia, que não quiz subtrahil-a á lei de transformação a que tudo se submette, a qual regendo as guitarras, como rege os mundos.

Apareceu, não armada de ponto em branco sahindo do cerebro de Jupiter, mas muito modestamente, com quatro cordas, vinda da officina de... não se sabe quem! e assim foi deliciando os nossos maiores até o fim de seculo xvi, epocha da solemne apparição da quinta corda.

Passa como ponto averiguado, que só ao expirar o seculo xviii as bellas patricias de Roma e de Veneza poderam ter, por instrumentos de seis cordas, celebrados em serenata os seus luviores.

Parece que estamos chegados á forma definitiva, ao verdadeiro ponto de equilibrio, porquanto as tentativas para augmento d'aquelle numero não tem sido coroadas de bom exito, é vér o que succedeu a Stanter e á guitarra de amor, de sete cordas.

Variaram as suas formas, como aavez dos seculos os dedos que a tem feito vibrar ao correr de fugitivo passatempo, ora em notas repassadas de saudade, de cruciantes nostalgias até; ora no calor de vehemente paixão.

Quer venha, ou deixe de vir, da cythara por indefinidas transições; quer lhe reconhecamos ou lhe negemos a identidade na longa serie de instrumentos do mesmo modo appellidados, de quatro a sete cordas, simples ou compostas, o certo é que tem sido tratada pelos auctores da pequena litteratura, que lhe respeita, com igual desdem — por não servir para orchestra!

Quem se sentir com a envengadura de um Magiço seja paladino n'um justo desforço; festejem-na os poetas, virguem-na os da arte; protestemos todos os que não possuimos esses dotes.

Fallam bem alto os laureis que circundam a mão de Agudo, Huerta, Tarrega e outros ainda, insignes guitarristas que varias orchestras não se di-

xinol; não ha partituras para o sibilo melodioso de melro, nem se submette á batuta do maestro o canto da toutinegra nos bosques.

As gerações, que passam, vão lhe confiando as suas maguas e ella soluça ao relembra-las. Dos salões elegantes ás escusas viellas não é raro o ouvirmos:

Suspira, guitarra, chora  
Amór é sonho que passa!

As ironias do destino offeremcos outros quadros de variegado matiz, por onde o artista se compraz tambem em fazer pairar o annuevado espirito; d'esta sorte elle divaga na trova popular:

Vive um homem na miseria  
Sem botins e sem calções,  
Sem azevê dois tostões,  
.....  
Na banza toca com graça  
Esquecendo os seus tormentos  
.....  
Faz á sorte uma pirraça.

mas o amor é, foi e será sempre o assumpto predilecto, é mesmo na descripção de Granada o vemos brilhar nos carmes inspirados de Zorilla:

En tus sierras nace el día  
arde el sol de amor por ti.

*La Guitare*, celebre poesia onomatopaica de Victor Hugo, uma das mais mimosas flores no vasto jardim *Rayons et Ombres*, é um punhado de estrophes, quentes como os raios do Sol do Meio Dia, inspiradas pelas noites da Andaluzia, pelos bailados sem fim; espelha-se n'ellas o quer que seja das veigas de Granada, sentimos alli como que o murmuro suave das aguas do Guadalquivir, quando o estro do poeta não nos arrebatá e vai lancar no turbilhão da dança em que todo se agita esse sangue arabe que ferve nas veias da andaluzia.

Dignos de uma guitarra de mestre são tambem entre nós os cantos flamencos do *Livro das Soledades*, que Fernandes Costa inicia assim:

Eu canto o cantar eterno,  
Canto do amor e cantar,  
Alí canto o cantar da vida,  
Porque viver é amar.

A Lusa Athens não contente de manter ha quatro seculos sempre acceso o fogo sagrado da sciencia, nunca deixou de prestar á guitarra um verdadeiro culto, cujos sacerdotes tem sido os Hylariados diversas epochas. E' bella esta quadra de Augusto Gil (Coimbra, 1897):

Amas a Nosso Senhor  
Que morreu por toda a gente  
E a mim não me tens amór,  
Que morro por ti sómente.

Theophilo Braga — tambem elle! — não poudé n'outras éras resistir á tentação; deixa pergaminhos, empoadas chronicas, as litteraturas antigas e modernas e lá vae cantando:

Oh! meigas donzellas dos sonhos da infancia  
Dozeas essas valvas de magico ardor,  
Que passa a guitarra galando com ancia,  
Abri as janellas, eu falo de amór!

Por mais que procurasse n'estas linhas o erudito e famoso polemista, que esgrimia contra todo o mundo, não fui capaz de o encontrar; andava perdido decerto pelos labyrinthos de uma segunda Arcadia.

Que tinha feito tocar muitas guitarras, dizia se de uma dama que, recostada no peitoril da janella, tinha visto em muitas noites de serenata o luar dando novo realce aos encantos da sua peregrina belleza. Não sei se era a mesma, a que se referia Camillo, quando escreveu: *esses olhos que a si mesmas se queimavam com a intensidade do seu brilho!* ... ou alguma d'aquellas que mereceram a um poeta hespanhol a seguinte exclamação: *brilla el fuego tropical de su mirada en el ardor?*

O que posso afirmar sem receio de contestação é que a guitarra tem o poder magico de fudir montanhas de gelo e bem podemos suppór, que esta propriedade venha a ser aproveitada na proxima expedição polar, que está organisando um principe de Italia.



# Visconde de S. Domingos



O visconde de S. Domingos



Aqui está um nome que marca uma prestimosa individualidade, das que mais se fazem assignaladas na terra estrangeira pelo valor da iniciativa e tenacidade do trabalho. O título que usa, não o deve a solicitações de mesquinha ambição, por uma banal ostentação nobiliarchica. Constrangidamente o aceitou só por não contrariar a intenção delicadíssima de quem lh'o impozera. De uma susceptibilidade de consciencia, que só pode igualar a bondade do seu coração, regeitar a mercê affigurava-se-lhe quasi uma affronta aos nobres sentimentos dos que espontaneamente o distinguiram. E para esta distincção, meritos de sobra concorriam ao homem que pelas suas qualidades moraes e pelas suas virtudes civicas, conquistára indisputaveis foros de nobreza — nobreza d'alma a reflectir um espirito superiormente organiado, a unica que n'estes tempos d'accentuada democratização, logra ainda conciliar o respeito geral. Porque hoje em dia — superfluo é talvez affirmar-o — taes titulos e distinctivos, tendo perdido a heraldica significação d'outras eras, nada representam nem evocam ao nosso espirito se não tem a illuminal-os o brilho que irradia de elevados dotes moraes e sociaes. E são elles que justamente fazem do Visconde de S. Domingos uma das figuras mais nobres, mais sympathicas e porventura o mais eminente representante da colonia portugueza no norte do Brazil.

Nascido n'uma terra, onde não abundam os recursos, onde a expansibilidade das naturaes aptidões se entibia, á mingoa de proveitosa applicação, e as melhores aspirações deinhavam por excessos d'elementos, cedo trocou o viver simples e improductivo da sua aldeia no Minho, pela faina bem mais inclemente, mas incomparavelmente mais auspiciosa do tropico commercial n'esse vasto e opulentissimo paiz, que do outro lado do Atlantico continua, em espirito e tradições, a patria portug. eza. A guiar-lhe o esforço e a impulsionar-lhe a vontade, possuia em alto grau todas as qualidades que fazem do portuguez no Brazil, mormente no norte, onde um clima torrido enerva e convida á indolencia, o principal factor da grandeza e da riqueza do paiz, o mais efficaz cooperador do seu progresso. Assim foi que o Visconde de S. Domingos viu desenvolver-se e prosperar até á sua actual opulencia, a casa commercial que fundára, e lhe grangeou, de par com avultados cabedais, e lugar proeminente que hoje occupa, no alto commercio, do Pará o seu nome venerando.

Mais, porém, que pelo brilho da fortuna se elevou e exalçou o Visconde de S. Domingos pelo brilho do seu caracter, e só assim se explica esse prestigioso ascendente que soube crear-se, não só na colonia, entre os seus compatriotas, mas ainda entre os naturaes que igualmente lhe conhecem o valor e a dedicação altruista.

Poucas vezes um homem terá sabido com mais desinteresse, abnegação e generosidade, pôr o seu prestimo ao serviço dos grandes ideaes humanitarios. Onde appareça uma iniciativa valiosa ou um empreendimento util, seja aos interesses da colonia, seja aos interesses geraes do paiz, ahí se encontra o Visconde de S. Domingos, alma aberta a todas as grandes manifestações do Bem, a assignalar a sua effectiva cooperação material e moral, a dar o exemplo do mais ardente patriotismo, a affirmar os sinceros cuidados que lhe inspira a sorte do seu semelhante.

Não se funda uma associação, ou agremiação qualquer, não se abre uma subscrição, que não o tenha logo á sua frente, a iniciar o movimento, offerecendo importantes sommas, servindo de auxilio e protecção a uns, a outros de ensinamento.

A estes sentimentos phylantropicos que lhe formam por assim dizer o substratum do espirito, o lhe dictam o pensamento e a acção, deve o Visconde de S. Domingos este espontaneo cõro de louvores com que o seu nome é justissimamente acolhido, tanto em Portugal como no Brazil. Estampando aqui o retrato de seu ex.º queremos prestar o testemunho da nossa homenagem ao homem austero e ao cidadão benemerito, que tanto se engrandece a si como á sociedade a que pertence.

RICARDO MALHEIROS.



## Poetas e Prosadores



### A'S MINHAS CRENÇAS

Das andorinhas, o amoroso bando,  
Vi-o partir em busca de outros lares,  
E o olhar perdido na solidão dos mares,  
Meu pensamento o foi acompanhando.

E vós, tambem, oh! minhas crenças, quando  
Mais visíveis commigo em meus scismares,  
O vós arguestes e dos meus olhares  
Vos apartastes outros ceus buscando.

Neva estação, porém, voltou... E os ninhos  
Sentem calor e vida... Os passarinhos  
Rompem cantando as solidões agrestes!

Tempos passados, tempos que mudaram,  
As andorinhas foram-se e voltaram  
Mas vós artistes e não mais vestistes!

(Recife.)

MANUEL ARIÓ.

### PARCE SEPULTIS

Se no febril tumultuar da Sorte,  
dozes momentos de prazer tivesses  
infundidos gosos mil ou conhecesse,  
com teu amor em lubrico transporte;

No ruim cortejo de revezes forte  
seria, afinal, para que não morresse,  
sem que a luz dos teus olhos me embobesse,  
e não me visse a braços com a Sorte.

Mas, tudo jaz sepulto. Esta existencia  
arrastada aos baldões entre os escarcas,  
um limitivo tem, uma demencia.

E' lembrar-me que um dia, um dia! oh, ceus!  
lá na vala commum, veim impaciencia,  
irão meus ossos reunir-se aos teus.

(Braga.)

ALBERTO DE MACHUEIRA.



# A terra dos Arcebispos



omo a poetica Ninive, cujas numificações e mysteriosas fabulas vêm até nós tauxiadas e guardnecidas pela distancia, a archaica cidade de Braga, entretence-se, tambem, de um feixe de formosas lendas, sob as quaes se entrevê o crástino luseiro do passado phantastico que serve de fundo á sua monographia. Para se inferir da sua historia, cujo introito e duvidoso, é mister pedir auxilio á decifração de pyraminhos eburneos, á cedives vettus, á pedra gravada ou burilada, á variadas e suggestivas coizas, onde está adherente a poeira dos seculos.

Entretanto, dá-se, como certo, que primeiro e durante quasi meio seculo a tiveram os gallos-celtas, 296 annos antes de Christo, dos quaes lhe deriva phoneticamente o nome por via de uma vestimenta que usavam — braca; depois teria sido dos romanos que a cognominaram de Augusta, sob cujo imperio viveu cerca de 500 annos, a seguir dos suevos e pousio de reis, mais de seculo e meio e, apoz, dos gogos, em cuja dominação houve os primeiros e celebres concilios. Lograda pelos mouros, até á conquista de D. Pelayo e seu genro D. Alfonso, o Catholico, correu ao depois varias fortunas antes de ser novamente povoada, em 904, por D. Alfonso III, de Leão.

Pelo que toca aos seus monumentos, algum dos quaes consentem uma antiguidade inexplicavel, presume-se que um d'elles, a Sé vem de Osiris da velha lenda egypcia, conforme os cyposos dedicados á deusa.

Varios historiadores transportam ainda a sua fundação ao 4.º rei de Hespanha, Brigo ou a um capitão cartaginês Himilcon que lhe chamara Bragada em rememoração natalicia, cujo nome, por apocope, lhe ficou.

E, assim, de origem em origem, de lenda em lenda se pode ir até á mythologia do norte. Na tradição scandinava apparece um deus chamado Braga — uma especie de Apollo mais typico que, porventura, o dos hellenos, e esta deliciação preside á Inspiração e á Eloquencia com a sua lyra *telyn* a bragar, isto é, a poetao ao lado de sua esposa Idama. Elle é quem introduz os heroes no *Walhalla* que deve equivaler aos jardins elysios dos indigetes gregos ou ao Nirwana dos buddhistas.

Mas seja como fór, a evocação atravez dos seculos idos, resalta ainda hoje na velha cidade, em cujos monumentos os olhos pascem admirados, topando aqui ou além nos vestigios de uma architectura gresseira e confusa, onde ha elementos rudimentares da arte dos romanos, visi-godos e mouros, mesclados dos traços já delicadamente esboçados n'alguns edificios da renascença. E' isto que se lê em cada aresta, n'um ou n'outro angulo que, recapitulando-se certos arabescos, determina linhas emmaranhadas, das como que uma epitomica civilisações que por ali transitaram.

Além d'isto, nesta verdadeira biblia de pedra, o tempo encarregou-se de pertumar n'um arórbé de imaginação e quasi de sonho, todos esses indicios, não sendo preciso grande esforço de acuidade para lhes definir o ar essencialmente historico que a azo dos seculos tem colorido e poetado, dando-lhes perspectivas que muito suggestionam.

A hyper-tradição que surge, quando a quando, n'este ou n'aquelle costume, hoje apenas decorativo, porque se lhe apagou a intenção mythica, traz-nos, ainda assim, paralelos evidentes de varias civilisações os quaes vão desaguar na corrente historica de outros povos, cuja approximação parece ter sido outrora um facto, mas que na historia contemporanea se dilue extraordinariamente.



D. Manuel Baptista da Cunha  
Actual arcebispo de Braga



Igreja do Papulo

das duas tribus Sacerdotal ou Real vencidas e levadas para o captivo da Babilonia sob Nabuchodonosor.

Depois de S. Pedro de Rates, seguem-se muitos arcebispos entre os quaes se contam illustres e santos. Alguns usaram barretes cardinaes; um d'estes foi o rei D. Henrique, e depois, D. Duarte, filho de D. João III, D. Pedro Julião que foi Summo Pontice e se chamou João XXI e outros não menos illustres chronologicamente apontados na chographia do padre Carvalho da Costa.

Entre o renque d'estas imagens prelaticias, vê-se n'uma luminosidade mystica, como uma illuminura de Fra Angelico, a figura suave de frei Bartholomeu dos Martyres que levou a vida inteira n'um vôo olympico de bondade. Vem até nós n'uma nuvem alvinente quasi de lenda, a historia da sua vida, nimbada de sete côres — todo um poema de virtudes que é gostoso ler ás almas candidas.

Frei Bartholomeu era a encarnação typica da bondade. D'essa altissima virtude sobressahem em baixo relevo todas as outras qualidades que compoem o santo e o homem. Para exemplo a sua vida perpetuar-se-ha na memoria de todos em claro, como se a tivesse consagrado a um culto mais externo, porque a Bondade tem na esthetica pura das aspirações da alma colectiva o que quer que seja de eterno e perduravel, tal como a realisação do artista ou do poeta maximo servindo a causa humana de todos os tempos.

Nos cyclos da humanidade, ha, de vez em quando, claridades estranhas que illuminam os passos do Homem. São espiritos de luz que muito sentem ou soffrem pela arte suprema do Bem, que a encarnam umas vezes piedosa, outras gloriosamente, que a respiram a grandes haustos de intelligencia ou de coração.

Os primeiros servem-n'a como patriarchas consoladores, como biblicos sobrenaturaes; os segundos são como orpheus que arrebancham caravanas de sequeiros e as levam á fonte da Samaritania. Uns enchem de conforto e de alivio para a Bemaventurança, outros poem em musica os versiculos da Biblia, — soletra-dos e murmurados pelos labios dos miseraveis e dos que padecem. E é a qualquer d'estas grandes artes — a Religião e o Amor — que, por alguma forma, anda ligado o traço messianico de uma raça sentimentalizada pelo brilho opaino de uma doce Estrella que ha desvenso seculos para sobre a terra.



Igreja do Sé



Arco da Porta Nova



O novo Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas, D. Manuel Baptista da Cunha que vai continuar a senda luminosa dos grandes Prelados que nobilitaram aquelle arcebispado, estabelece um paralelo com essa figura santa de frei Bartholomeu dos Martyres pela harmonia das suas qualidades de espirito e de coração. A sua biographia é singela, mas formosa; todo o encanto d'ella está no homem intimo que se furta um pouco á luz do culto externo. E' como todos os grandes espiritos, como todas as almas superiores que, predestinadas para o serviço do Bem e da Virtude, se escondem da trajetoria mundana, n'esses remansos adequados á vida interior, quando a aspiração precisa d'esse fogo sagrado, para se aquecer das frias desillusões do mundo. A sua vida tem decorrido perenne sem obice que lhe entrosasse a tendencia do espirito propenso ás altas e nobres virtudes que fazem lo-gradouro na sua alma.

Desde o começo da sua carreira ecclesiastica, soube alancardar-se não só pelo seu formoso talento, mas ainda mais pela bondade, cujo sentimento transparece em todos os actos da sua vida publica ou particular, ainda que se refugie e afaste adrede dos certemens varios, onde as suas qualidades poderiam perspectivar-se. Mas D. Manuel Baptista da Cunha, não pôde satisfazer o seu espirito, nem gastar o tempo n'esses ouropéis, porque lhe é cáro para o repouso subjectivo da sua fé e para o consagrar ao apostolado da virtude. Só lhe é grato surgir, lá de onde em onde, quando a sua palavra é precisa para convencer ou para dar allivios a muita dôr.



Vista lateral do Paço e mirante  
Cidade de Vila Rica

No Patriarchado de Lisboa, onde lhe acudiam de todos os lados afflicções e desgraças, mostrou sempre para com aquelles que lhe pediam conselho ou amparo, a alteza do seu coração não só rico de virtudes mas de bondades que utilisavam a todos.

Tudo isto se lê na sua physiognomia suavemente illuminada por uns olhos que dizem a limpidez da sua alma, e logo á primeira vista se adivinha por ella um grande coração que se abre a todos os impulsos generosos.

Todo o homem superior deixa entrever na aresta de uma phrase,

na reticencia de um conceito feliz, o que ha de grande no seu espirito ainda que o thema perorado contorne as volutas banaes da vida. E é essa palavra, essa pausa que synthetisa e que dá, como que em mancha, uma das muitas côres do homem intellectual.

Com D. Manuel Baptista da Cunha succede isto mesmo: Passado o primeiro momento de inopinada e agradável sympathia, fica-se enlevado no doce rythmo da sua conversação espiritual que, ora animada e fluente, ora pausada e grave, dá todos os tons de paisagem interna.

E d'estarte todos aquelles que, pela primeira vez, demandam mercê do seu conselho e auctoridade ou da sua acquiescencia paternal, saem de ao pé do illustre Prelado como que convencidos de que já o conheciam de ha muito, tal é a espontanea amabilidade de seu espirito e de seu coração.

D. Manuel Baptista da Cunha é na ordem chronologica o LXXIV dos arcebispos, em cujo concurso não entram 18 coadjuctores. Nasceu em Paradella, concelho



A cadeira arcebispoal

de Agueda, a 16 de abril de 1843. Como seus paes não eram abastados, não poudo entrar muito novo na Universidade de Coimbra, de modo que só completou a sua formatura em direito e theologia em 1870, tendo, pouco mais ou menos, 27 annos.

N'essa idade, porém, o seu espirito tinha já maturado e reflectido, e conscio das suas aptidões e meritos, abraçou abertamente a vida ecclesiastica, por vocação, sem influencias de causa moral ou estranhas á sua vontade.

Em 1871 era convidado pelo Vigario Geral d'Aveiro para professor do curso ecclesiastico do seminario d'essa cidade e pouco depois proposto para Vigario-substituto.

Nomeado, em 1880, Vigario Geral efectivo foi transferido para Pinhel, cargo que não aceitou para continuar no seminario d'Aveiro, mas, sendo extinto o bispado d'essa diocese, passou, a convite do sr. Bispo-Conde, para o seminario de Coimbra.

Em 1888 era nomeado e aceito Vigario Geral do Patriarchado, sendo depois preconizado em consistorio de 1 de julho pela Santa Sé e Príncipe da Igreja com o titulo de arcebispo de Mytienes, cuja sagração se realisou em 15 de julho do mesmo anno. Taes são os principaes traços da biographia do novo Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas, que ha poucos dias foi aclamado na velha cidade do Minho.

Cada um d'estes pequenos informes pouco diz, nas lacônicas e secas datas, do elevado caracter e preclaras virtudes de D. Manuel Baptista da Cunha. As suas qualidades moraes não sobressaem, d'este modo, a toda a luz. O seu magnifico talento temperado por uma translucida emanação d'alma, como producto que é da actividade interior, precisa de ser aquilutado por factos externos de ordem superior, ou apreciado no convivio particular, onde, então, sobressaem nitidamente o grande poeta da bondade. E tudo quanto podemos afirmar de seus grandes meritos e de seu talento constatado na sua brilhante carreira, ficaria, sem duvida, prejudicado com o brado entusiastico da nossa admiração, que vai, decerto, melindrar o recado da sua grande modestia.

Mas congratulemo-nos; está finalmente investido, D. Manuel Baptista da Cunha de um cargo elevadissimo que é o premio das suas aptidões e virtudes e orgulhe-mo-nos com ver na terra dos arcebispos um novo chefe espiritual que é um dos grandes espiritos e um dos homens bons de todo o tempo.

XVII-VIII-C.

AFFONSO GAYO.

A recepção que a população de Braga fez ao seu novo prelado foi brilhantissima.

Da Estação do Caminho de Ferro á Igreja do Populo, onde o novo arcebispo se foi parlamentar, e d'essa igreja á Sé, onde se celebrou o Te-Deum, foi o illustre prelado acompanhado por um imponente cortejo, onde se viam todas as autoridades e pessoas mais gradas da cidade.

A multidão saudava respeitosa o eminente homem da Igreja, que vai dirigir a sua diocese.



Cidade de Vila Rica  
Em frente do Paço



A recepção ao arcebispo — O largo do Conde de S. Joaquim



# Chronica d'outros tempos

## AS TOIRADAS

V

O despôrto das corridas de toiros proseguiu com notable brilhantismo durante o reinado de Carlos II, de Hespanha. Effectuava-se na Plaza Mayor.

Cumpre advertir que as toiradas reaes tinham maior esplendor que as da cidade. Nos balcões fronteiros aos do rei ficavam o Nuncio e os embaixadores das potencias catholicas, á direita do imperante os Conselhos dos reinos castelhanos, facilmente reconheciveis pelos brazões bordados a ouro sobre as colchas de terciopelo carmezim; outras corporações e os titulares abancavam nas diversas filas.

As damas de alta prosapia vinham ataviadas de repicamento: compridissimos vestidos alargados de guarnições refulgentes de pedrarias, braceletes, sortilhas avivando mãos emaciadas que davam a impressão afflictiva de uma agonia, e brinços compridissimos onde algumas penduravam relógios, cadeados e outras bufarinhãs. Não se viam senão estofos orgulhosos, tapeçarias espessas, caxins e tapizes *releçados* de ouro. As ventanas gemiam sob o pezo de alfombras e docéis de valor insupputavel. A veracissima condessa de Aulnoy affirma que nunca viu coisa mais deslumbrante (1).

O estio liberalisava as tintas ridentes da sua palheta pyrotechnica. O céu azulejava, vivo e luzente, como aço temperado de fresco; os almos raios solares pulverisavam diamantes. Creados de librê percorriam os balcões, offerendo, da parte de el-rei, ás damas de selecta stirpe, uma ligeira collação, que era transportada em corbêlhas. O bom talante do monarcha adicionava outros regalos, que mandava graciosamente repartir, como eram: leques, pastilhas de ambar, luvãs perfumadas, essencias, fitas, meias de seda e ligas! No decorrer da festa procedia-se a nova distribuição de fructas, agua, confeitos e ovos sob todas as formas, principalmente em *chereux d'ange*. O dicacissimo marquez de Louville (2) epistolava a M.<sup>me</sup> de Beauvilliers: — *Ne vous inquiétez, donc pas des dames du palais. On leur donnera double ration d'oeufs filés, et tout sera dit.*

Entravam primeiro as carruagens dos embaixadores. O rei vinha solememente em coche de gala, precedido de outros cinco ou seis com cocheiros e postilhões de cabeça descoberta. Desfilava o cortejo, que levava á frente, a puxar, os alguazis e a fanfarra. Appareciam as guardas, cujos capitães, moços de boa pinta, faziam caracolar seus corceis; os cavallos de combate, magnificamente ajezados; e as mulas dos rojões, tilintantes de guizeiras e cobertas por gualdrapas de velludo com escudos de armas lavrados. Seguiam-se os cavalleiros, donosos, montando bellos *morcillos* andaluzes, e trajando de seda azeviche bordada a ouro e prata, manto negro, sombreiro de plumas presas por broche diamantino e turbulenta como a palpação aerea de azas brancas, charpa bordada e botas claras com agudas esporas á moirisca.

Tocavam as charamellas, saudando por suas largas bocas de cobre; soavam pifanos, flautas, gaitas de folles, timbales e tambores. Então, os alguazis abriam a porta ao toiro, que rompia indomito, feroz. Principiava a desenrolar-se a cinematographia do torneio.

Cada rez morta era arrastada para fóra da praça por quatro mulas com pennachos, campainhas de prata e tirantes de seda. Se os toiros se defendiam muito, açulavam-lhes cães inglezes ou cortavam-lhes os jarretes.

Só toireava a nobreza de descrejado sangue azul. Liberta da etiqueta ferrea da córte, procurava a embriaguez nas victorias tauromachicas como o parisianista procura a ebriedade no absintho — esse philtro de verdes magias. M.<sup>me</sup> de Villars assistiu a uma corrida em que entraram seis grandes de Hespanha. Quando Carlos II contrahiu segundas nupcias, deu-se uma toirada espaventosa em que o filho do duque de Sessa teve dois cavallos mortos debaixo de si, e o duque de Medina-Sidonia matou dois toiros a rojão.

No entretanto, a Hespanha decahia lentamente. Ahi, neste momento historico, dir-se-hia que a preguiça era a felicidade. Valenzuela, favorito da rainha-mãe, tomara o pulso ao paiz e entreteinha-o com o seu divertimento querido — as corridas de toiros. Carlos II, maculado pela tara de uma incrível debilidade, sujo, polihento, era digno filho de «um pae idoso, enfraquecido e mal avezado», segundo a expressão crua de Luiz XIV. Suas duas esposas não lhe deram filhos. D. Maria Luiza de Orleans, que chegou a estar grávida, provocou esta copla, reflexo do estado de alma da nação:

*Parid, bella flor de lis,  
En afflicion tan extraña;  
Si paris, paris à España,  
Si no paris, à Paris.*

O povo, marfado dos desmandos governativos e da impudencia da córte, dava alas á indignação, fragoando veros colericos, biliosos:

*Rey inocente,  
Reina traidora,  
Pueblo cobarde,  
Grandes sin honra.*

A estrella da casa de Austria empallidecia. Preparava-se o advento dos Bourbons.

(Continua.)

PINTO DE CARVALHO (Timop.)

(1) *La Cour et la ville de Madrid vers la fin du XVII siècle*. Edição de E. Plon et C.<sup>ie</sup>, Paris, 1874.

(2) O marquez de Louville, preceptor do duque de Anjou (Filippe V) e chefe da sua Casa Francea, acompanhou-o a Hespanha. Escreveu as *Memoires Secrets sur l'établissement de la maison de Bourbon en Espagne*.



Maranhã — Largo dos Remedios



## A princeza Wiszniewska

ENTRE o feminismo francez destaca-se a personalidade de M.<sup>me</sup> Gabrielle Hugot (Princeza Wiszniewska). Trabalhadora audaciosa e perseverante, soube pelo alto espirito e por um rigoroso trabalho, conquistar um lugar alevantado no meio feminista da Europa. Senhora dotada d'uma grande alma o seu ideal é a paz, e com uma resolução admiravel fundou em Paris a grande Liga das mulheres para o desarmamento internacional, a que com o seu criterio e immensa finura de direcção soube dar um desenvolvimento tal, que a Liga hoje conta mais de cem mil adhesões das mulheres mais eminentes da Europa e da America.

Durante a guerra hispano-americana o seu trabalho foi sublime, e, devido á sua gentileza, muitas portuguezas tiveram o ensejo de admirar a carta enviada ao presidente dos Estados Unidos, e a outra fazendo appello á rainha de Hespanha.

Auctora do appello ás mulheres de todos os paizes, essa obra de um colorido em miniatura que foi enviado a todas as notabilidades do mundo, ella soube por tal fórma traduzir o seu enthusiasmo, a sua fé, e o seu amor pelo sagrado ideal da paz, que diversas rainhas lhe escreveram saudando-a como uma individualidade.

Seu marido, um polaco distinctissimo, falla e escreve oito linguas e tem prestado grandes incitamentos á causa.

Nos seus salões em Paris reune tudo que ha de mais distincto n'aquella sociedade. Grandes notabilidades da politica, das letras, das artes, etc., etc.

Louis Gaillard, o primoroso escriptor, contou-nos em descripção uma visita a casa dos principes, da seguinte maneira:

Fui no ultimo domingo pagar uma visita á nossa dedicada presidente, o que me pareceu uma imprudencia n'este dia de habitual repouso. Mas a excessiva senhora inteiramente entregue á sua obra estava sentada á sua elegante meza de trabalho occupada em ler o volumoso correo que, cada manhã, vem das cinco partes do mundo—cartas cheias de promessas e de esperanças.

Era—*le jour*—da princeza. No salão visinho ao gabinete vozes alegremente retiniam em conversa animada.



A princeza Wiszniewska

O principe, seu marido, fazendo gentilmente as honras da casa, parecia dividir-se para attender a todas as pessoas com a sua habitual cortesia, e para que sua esposa me desse todos os detalhes sobre a obra a que dedicou a sua vida.

Indifferente aos ruídos mundanos que a rodeiam, ella entrega-se totalmente á obra iniciada na Liga. Ella me abriu o livro d'ouro e o livro da caixa, e foi ahi que eu avalei o seu valor e a sua sciencia de dirigir. A esta indisciplina commettida, a conversação tomou novamente andamento sobre a ideia fundamental: *La Ligue*.

Isto é, me diz a princeza, a suggestão das minhas noites, a occupaço sobre a qual eu estou curvada, ha bastante tempo. Tenho-me esforçado para crear um movimento que, hoje, se manifesta por tentativas.

Que ha de mais natural depois de tudo, que as mulheres, esposas, mães, tenham tido a concepção da fraternidade social?... *A paz armada?*

Que anomalia, que hypocrisia n'essas duas palavras, que parecem exccrar-se mutuamente!

Mas, disse eu, uma nação pode estar armada sem desistir de conquista?

Sim, respondeu a minha amavel interlocutora, cada guerra é condemnada tacitamente, desaprovada em todos os meios, e apesar d'isto, a carnificina regimentaria, prevista, tem um logar enorme em todas as combinações financeiras e politicas de que os colaboradores, os instigadores são considerados, e se consideram a si proprios gente de bem... Utopias! dirão muitos. Deixae-nos dizer. As utopias de hoje serão amanhã realidades—Esperae—eis aqui duas provas reaes, me diz a princeza apresentando-me duas cartas. Uma da rainha de Hespanha e outra da rainha da Hollanda.

Duas cartas importantes em adhesão ao movimento da paz. Durante a minha visita a casa da princeza Wiszniewska, eu tive, e devo dizel-o, uma visào de um futuro sorridente.

Louis Gaillard, este nosso querido confrade, traduziu bem o sentimento e a alma da princeza, soube dar-lhe o traço caracteristico do seu grande enthusiasmo e dedicação.

Se a princeza é um apostolo veemente, uma escriptora distincta, é tambem uma oradora brilhante.

No ultimo banquete que se acaba de dar em Paris, no bello café *Corazza*, ao qual assistiram grandes notabilidades como Frédéric Passy, as illustres pensadoras, e autores como Beauquier, Ganheur, Fevrier, de Marsy, Mock, Camille Flammarion, a eminente senhora Marie Pugnol, a grande escriptora feminista Marya Cheliga, Harmmer, M.<sup>me</sup> de Pratz e os srs. Anatole Beaulieu, Arnaud, Moch, de Morsier, Jean Barés, Thiadière, le prince Wiszniewska, e muitos outros de que nos é impossivel dar o nome, o discurso da princeza da Wiszniewska foi uma obra prima e a ovação foi delirante.

Graças á amabilidade do jornal *L'Époque* de Paris, temol-o na nossa meza de trabalho.

O *Brasil-Portugal* cumpre um dever santo prestando hoje homenagem á excessiva senhora, que tão alto soube conquistar um logar, não sómente entre os europeus, como entre os americanos, principalmente entre as illustres Brasileiras.

ARCHER DE LIMA.

## CASCAES



A bahia



# CASCAES

Cascaes é a mais elegante estação balnear, porque é a preferida pela família real e pela corte, e porque fica a uma hora apenas de Lisboa, da qual a aproxima uma linha de ferro, marginada de povoações ridentes, umas debruçadas sobre o rio e outras sobre o mar.

A bahia é notavelmente pittoresca, orlada na margem direita ora por enormes rochedos sobrepostos, ora por chalets, villas e verdadeiros palácios, que provam não só a fortuna mas o bom gosto artístico de quem os possui. Basta citar, entre elles, o Casino, os chalets dos srs. duques de Palmella, da sr.<sup>a</sup> marquesa do Fayal, do sr. duque de Loulé, etc. e dominando toda essa lindíssima bahia a Cidadella real, que o chefe do Estado escolheu para residir com sua augusta esposa e seus filhos durante a estação balnear.

Não se apaga da memoria de quantos o presenciaram o ferreo espectáculo que offerecia a iluminação da bahia de Cascaes nas noites em que o rei de Sião e depois o Congresso da Imprensa foram triumphalmente acolhidos pelos habitantes da villa.

Seria injustiça deixar de citar n'este logar um nome que para aquella povoação se tornou verdadeiramente benemerito. É o de Jayme Arthur da Costa Pinto, antigo presidente da municipalidade de Cascaes. Devem-se a elle todas as condições de hygiene, de riqueza, de aformoseamento e de progresso, da velha estancia baln ar. Como de Shakespeare se diz: «É o homem da Inglaterra», pode dizer-se de Jayme Arthur da Costa Pinto: «É o homem de Cascaes.»

No paço dos reis, na camara dos deputados, nos gabinetes dos ministros, até nas casas particulares dos cidadãos, elle vac, pede, advoga, insta, argumenta, confronta, descreve, exalta, e por fim consegue. E procurador, advogado, engenheiro, mestre de obras, artifice, e até por fim legislador, tudo quanto d'elle reclama, enfim, sempre que é preciso abrir uma avenida, inaugurar uma iluminação publica, receber estrangeiros illustres, trazer a Cascaes, em summa, qualquer novo elemento de progresso.

Quando estão extinctos os cofres do municipio, ou deixam de se abrir para os melhoramentos da terra os do thesouro, Costa Pinto não camarece por esse futil motivo, e redobra então de actividade de iniciativa, de energia: abre subscrições publicas, recorre a toda a gente que conhece, e o ouro surge, e a despeza indispensavel faz-se, e os melhoramentos apparecem, que é o que se pretende, e o que é mais para extranheza, é que toda a gente que tem dinheiro fica lisongeado e contente de o ter servido, servindo tambem uma obra de utilidade publica.

N'estas palavras pode finalmente resumir-se a victoria que cabe ao presidente do municipio de Cascaes. Desde que benemeritamente elle exerceu tão a serio as suas duplas funções de demolidor e renovador, deixou de existir por se tornar obsoleto e falso este velho dictado:

«Uma vez a Cascaes e nunca mais»  
que foi substituido por este:  
«A Cascaes... cada vez mais.»



Cidadella



Praia e Casino







**Por montes e vales** — Prosa, com prefácio e notas de João Penha — Livraria Cardoso & Irmão, 1899.

Nun mollo de artigos, tecidos numa linguagem ródia mas pura e expurgada, dá-nos o autor plástico das «Ilmas» extraordinárias e pittorescas impressões coloridas, sem dúvida, em estados de espirito que rixam pela líria — um dos traços mais salientes do apreciavel poeta. Por vezes, falla como um didactico, anotando a dialectica com argumentos factos para tornar o assumpto mais leve ou porque a sua erudição precisa destes engentamentos atenuados pela graça que a acompaña.

João Penha é, realmente, um inconfundível; recorta-se bem taradô uma época a que se liga uma farandola de grandes espiritos, — a camada colômba, onde se destaca sempre a forma dos seus versos e a *cor* das suas satyras. João Penha devia ter indicado o Crespo, que nas «Miniaturas» revela intenções generosamente affectivas, mas que, depois, nos «Notários» genia oprimido sob a plástidade de uns versos que já não recunavam o sentimento dos primeiros lyrismos. Não quer isto dizer que João Penha não sinta e bem, mas, sendo o ser temperamento dual e podendo combinar e estreitar o lado crítico das coisas com o fausto bello que ellas têm, e forma parnasiana em suas lras altera a essencia do espirito que as burila com aquella originalidade que lhe conhecemos.

Mas no livro recém-vindo, é, sobretudo, um admiravel *casuaris*; é esta a mais directa e líquida impressão que recebemos, fallando as paginas mais interessantes. Porque, se nestes capitulos não surgesse o autor, mercê da evocação immediata, a perorar como numa intimidade palacina, talvez, e sob um atmosphere oxigenada de espirito (não diremos de vinho, nem de loira erveja) — maneira até apear de intransigente, passava a ser uma lição de rhetorica, — maneria critica de phoneticas de cuidado syllabas, etc., como se vê na «Questão litteraria». Mas João Penha, teve o cuidado de o tornar insinuante, refozando pilherias, tirando todo o partido, que pôde, de um pormenor, de um som para ir de qualquer coisa, a portuguez, sem zedeum, mas com umas pentilhas de nequicia.

Não tem a originalidade de Sterne, nem a facilidade communicativa de E. Amleis, nem a digita emoção de Dickens ou a intenção philosophica de X. de Maistre. É um portuguez que chabalica, a um cento de sua casa, porque a esquerda da sapôta é, tambem um pequeno meridiano, não abrangendo mais que o seu proprio patria (reflexões sômente ao perimetro geographico); e dando delle todo o resto das suas palpitantes. Mas em tudo se vê na «Questão litteraria» a falta da troça que faz contrahir os musculos faciaes ou o diaphragma, segundo uma phrase da sua larva. João Penha está perfeitamente caracterizado nestas suas palavras: «Talvez, ou por outra, asmirar, «palavras que desde Montaigne vestem foros de palaciana», amstras toda a gente ex dr, sabões e ignorantes, a differença que existe entre uns e outros, quanto ao modo de as dizer, consiste unicamente em que aquellos as dizem de uma maneira que parece que o não são e estes como espontaneamente lhes surriam ao intellecto».

É uma definição do seu humor. Um dos mais pittorescos capitulos do livro é «Sílvia», curiosa maneira de poetar o mundo vegetal, depois a «Oryia», onde apparecem as caricaturas de seus condiscipulos, alguns dos quaes são ainda hoje os litterarios, parecem nos prolixas em explicações superabundantes. O brilhante poeta não precisa de exhibir flores didacticas para defender — o processo — a maneira de ver, o caracteristico, em summa, se arbista que é o seu mais bello proflorado. O solto a quem dá palmatadas (não sabemos quem seja) é muito vulgaroso... pelo que venha, para ler a pretensão de lhe esboroar os seus creditos constataes por criticos de reconhecido talento, João Penha, não deve ter uma bella *allure* de ferula nas unhas a ensinar meninos indiscretos... Mais não deante vomto o novamente a atirar-se a um pimpollo do Curso Superior de Lettras por causa da critica de Carlos Magno... A não ser pelas piadas verdadeiramente bistras que espango nestas paginas, todo o interesse d'estos plicios é sômente philologico, uma spontanea maçada com perdo de sar. Adolpho Coelho. E todos os outros artigos repegados com simplicza, são muito para ler e intellectual de João Penha que é, por todas as titulas um homem de grande talento poetico e com um verdadeiro caracter litterario.

Tal nos parece a *biuette* — *Por montes e vales*, vista atravez da preocupação da a syllabizar-nos em meia dúzia de periodos, sem rrazdo do pouco espaço que podemos dispensar, nesta secção, a livros adventicios.

**Goza** — 1897-1898. — Edição de M. Gomez. — Capitulo Gomez da Costa. A monographia de illustre africanista cap. Gomez da Costa, publicadã num interessante volume, nitidamente impressa com bellas gravuras e mappas, intercaladas no texto, é um grande concorre para a historia dos nomes dominios d'Almamar.

O autor de Goza tratou aquella nossa religião sobre todos os pontos de vista dos conhecimentos scientificos contemporaneos, e de arte, correndo-se os olhos pelas paginas deste livro interessante e util, fic-se satisfeito de que este districto, quer se encontre pelo lado geographico quer pelo etnographic, costumes e usos de seus indigenas.

O illustre e distincto official presta, um valioso *serviço* ao seu país, publicando um livro onde, com um methodo e cuidado applicado a sua parte, publicadã necessida do publicadã e mesmo de muitas das estações officiaes da menção serão nunca de mais as informações que se publicadã acerca das nossas possessões, pois que todas as pessoas que do continente se dirijam para as colônias, em lá chegando, começam desde logo a fazer uma ideia differente do que rezante, — pela documentação rigorosa de que todo elle se fez — pelo logar que vem occupar em assumpto até este momento deserto. No livro de sr. Gomez da Costa nada falla respeitante ao districto de Goza, que o illustre official por tanto tempo dirigio. É um estudo geographico d'alto valor. Com uma parcinçia litteraria que esclarece admiravelmente o assumpto, o autor do livro Goza, de tudo nos falla acerca d'estes boccos da nossa Africa A geographica, phisica, o estudo da raça, silencio dos costumes, a historia, a fauna, e flora, o des-

envolvimento agricola, as transacções commerciaes, de todo nos dá o sr. capitão Gomez da Costa informações detalhadas e minuciosas. O livro Goza traz aomenclatura das plantas e dos animaes conhecidos no districto e bem assim uma vocabulario portuguez-landia.

No anno economico de 1897-1898 a receita do districto foi de 365-905\$198 réis e a despesa de 485-591\$657 réis, dando um deficit de 117-728\$459 réis, a que deve abater-se a quantia de 28-253\$876 réis valor de mercaderias existentes no deposito do almoxarifado, ficando portanto o deficit reduzido a 89-495\$43 réis, que foi coberto pelo districto de Lourenço Marques. Affirma o sr. Gomez da Costa que, organizando-se a reforma do districto o orçamento deve calcular-se com as seguintes resultações: Recozito 348-730\$000 réis; despesa 271-315\$640 réis, havendo, pois, um saldo a favor de 78-565\$000 réis.

O illustre official termina o seu livro com algumas conclusões que os competentes deverão ter na devida conta. O livro Goza, repetimos, deve merecer a attenção do publico e especialmente dos nobilitados pelas letras. Estando n'elle se encontram, e pelo conselho que, naturalmente, n'ellas derivam. E ninguem, como o valente e distincto official, nos pou elucidar a todos em tal questão.

**As Freiras de Lovão**, (ensaios de monographia monastica) por T. Lino d'Assumpção. — Editor, França Amado, — Coimbra, 1899.

Um volume de quasi 300 paginas, nitidamente impresso. Escripito sem pretenciosidade d'estylo, sem escabridades e requintes de forma que nos fazem pensar muito, o nitimo livro do sr. Lino d'Assumpção le-se em duas horas pacificas sem sombra de cansaço ou de tédio, tal a aragem perfumada que permeia nas suas paginas e a saudade que d'ellas remota, uma saudade tépida de terno romance medievo, de vultos brancos e chorosos atravessando, aqui e all., — a uma constante romança de desejos mal soffocados, em impetos de amor ardido em devaneios e sonhos de carne ciosa, ora tragicos, ora comicos, numa revolta rara vez coberta pelas lamentações do *Misereere* e pelo morbido doloz do *Canto dos Chacicos* — os longos corredores do convento, quasi mortos no seu eterno crepesculo, as cellas de luz doce, coada por bambinellas rosas, o claustro mysteriosamente escondido sob arradas, onde se anicham santos mudos e onde o sol, ás horas ultimas da tarde, atira um grande beijo de despedida pela claraboia de cós que se esquadra lá em cima nas vos dos telhados. Este livro delizioso fa-nos invocar toda a legião de novellas, o hysterman amozoso, o mysticismo luso, os piedosos escandalos em que se enredam as casas monasticas de Portugal. O livro do sr. Lino d'Assumpção é, talvez, a monographia mais scintillante e mais evocadora do viver monical das nossas boas freiras. Porque Lovão é um exemplo estudado com dilavel e orinhão pelo illustre escriptor, de todos os outros conventos de religiozes, — Olivellas, Santa Clara, Villa do Conde, Vairão... Vairão! Ainda nos lembramos da visita que fizemos, ha annos, a este convento e da querida freira velhinha de 90 annos, hoje morta, e das vitas e tantas lendas que então evocamos, lidas algumas, onde se choravam piedosos sonhos d'amor, all amortalhados, desfeitos pela vontade severa e cega dos velhos religiosos do Minho ou pela traição d'amanites indies depressa esquecidos dos suspiros que das altas janelas orgivas elles elevavam as lindas castedades... Bons tempos.

O sr. Lino d'Assumpção, autor de tantas obras de valor, sabe dar aos seus trabalhos, que documenta com rebuscações historicas, o estylo leve e agradavel, tão necessario a este genero de livros, para se lerem, não com enfado, mas com um successivo prazer e uma progressiva curiosidade. Lino d'Assumpção escreveu mais um volume que deve saber bem ler no inverso, em uma noite de grande frio acocelhado pelos cobertores do leito. Em seguida apagar a luz... depois sonhar... sonhar com as aventuras das freiras, ouvir-as respirar, ser o confidente dos seus amozes prohibidos, apagar a alfazema de ser habitado e ver-as desfilir em fita branca, cochichando e resando, todas alirantadas, olhos negros a arder, mortas de desejo, luxuriosas, palantes, os labios muito vermelhos e humidos abertos nos seus rostos pallidos e cheios de febre...



## Costumes Portuguezes





## BRASIL—PORTUGAL

Impresso na typ. da Comp. Nacional Editora  
Largo de Conde Barão, 50

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Editor — LUÍZ ANTONIO SANCHES  
Redac. e administr. — F. IVENS, 51 — LISBOA

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL		ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	{ (moeda brasileira) ..... } 4\$2000	Anno.....	2\$000	Anno.....	8\$000
Numero avulso	1\$500	6 mezes.....	4\$000	6 mezes.....	4\$500
		3 mezes.....	2\$000	3 mezes.....	2\$500
		Numero avulso.....	3\$100	Numero avulso.....	5\$500

## SUMMARY

Chronica Electrica — BRASIL-PORTUGAL.  
As Inas de agosto — Versos do ANILAS MATA.  
O Senhor da Serra — JACQUES VIGIER.  
A Senhora de Alalays — ARNALDO FERREIRA.  
A questão Dreyfus.  
A terra dos arcebispos — AFFRISO GAU.  
A guitarra — MARCELO FERREIRA.  
Chronica d' outros tempos — As torreadas — PUNTO DE CAR-  
VALHO (Tropico).  
Vicente de S. Domingos.  
Poetas e Prosadores — As minhas creanças — MANUEL  
ALAS — PASCOPOLLE — ALBERTO MANDUZZI.  
A princeza Wierziowska — ANTONIO DE LIMA.  
Cameas.  
Bibliographia.

## Paginas supplementares

Os que chegam.  
Agentes no Brasil.  
Horas d'ocio — F. A. de MATOS.

## 42 ILLUSTRAÇÕES

## Os que chegam

Does varios portos do Brasil chegaram :

Pelo paquete «Augustini»

**Visconde de S. Domingos**, cujo retrato publicamos no presente numero, acompanhado por um bello artigo do sr. Ricardo Malheiros. O sr. Visconde de S. Domingos chega do Pará. Ha 18 annos que não vinha a Portugal. E' um dos mais illustres membros da colonia portugueza no Brasil, e o seu nome está ligado a numerosas obras de beneficencia.

**José Maria Pinheiro**, guarda-livros do Banco Commercial do Pará, e vice-consul de Hespanha n'aquella cidade. Vem do Pará e demora-se algum tempo em Lisboa, seguindo depois para o norte.

**João Lucio d'Azevedo**, notabilissimo escriptor brasileiro, redactor de varios jornaes e abastado do capitalista. Demora-se pouco tempo na Europa, regressando dentro em pouco ao Pará, sua terra natal.

**Beilhor José dos Santos**, importante negociante. Demora-se pouco tempo em Lis-

boa, d'onde segue em viagem de recreio pela Europa.

**Luiz Cesar de Figueiredo**, um dos mais illustres membros da colonia portugueza no Pará, onde era vice-presidente da Sociedade Portugueza Beneficente, e onde é considerado um dos mais importantes e abastados capitalistas.

**Gregorio Proffiro da Costa**, importante negociante do Pará, onde dirige uma casa de importação de fazendas. Tem sido por varias vezes director da Sociedade Portugueza Beneficente, Gremio Litterario Portuguez no Pará, e é secretario da Liga do Commercio Paranaense.

**Dr. José Bricio da Gama Abreu**, um intelligtissimo cavalheiro, que vem visitar seu pae, o sr. Barão de Marajó, nosso prosado amigo, e um dos collaboradores mais distinctos da revista *Brasil-Portugal*

Pelo vapor «Nilo»

**Joaquim Ferreira da Silva**, consideradissimo negociante do Rio de Janeiro, d'onde vem para visitar Lisboa, sua terra natal, onde se demora alguns mezes, regressando em seguida ao Brazil.

**Manuel José de Vasconcellos**, abastado negociante do Rio de Janeiro. Depois d'uma larga ausencia vem visitar S. Pedro do Sul, sua terra natal, onde vae fazer uso das aguas.

**José Rodrigues de Sousa**, negociante no Rio de Janeiro, d'onde vem. E' natural de Ponte de Lima, para onde se dirige com uma senhora de sua familia.

**Manuel da Costa Oliveira**, que depois d'uma ausencia de alguns annos, vem do Rio de Janeiro para visitar Lisboa, sua terra natal.

## AGENTES NO BRASIL

A Empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes nos diversos Estados do Brasil:

RIO DE JANEIRO (provisoriamente) João José da Silva Lima.

PERNAMBUCO — Leopoldo A. da Silveira.  
PARÁ — Manuel Ferreira Santos Junior (casa Very-Well).

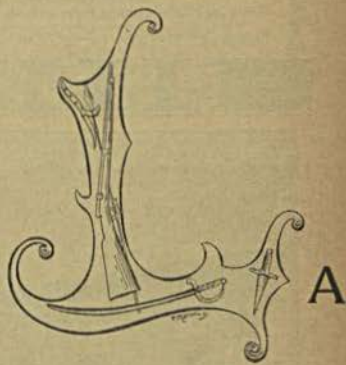
MANAOS — Lino Aguiar & C.  
MARANHÃO — Leoncio J. de Medeiros & C.  
CEARA — Salles Torres & C.

A Empresa BRASIL-PORTUGAL espera dentro em pouco completar a relação dos seus correspondentes em todos os outros Estados.

Com elles se poderão entender directamente todos os srs. subscriptores d'esta publicação, no Brasil.

## Horas de ocio

Enigma pittorresco



Conselho d'Amigo...

Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!



Vereinigtes Chininfabriken ZIMMER & C., Francfort S. M.

**Equinina.** — Acção therapeutica igual á do quino no febre, influenza, malaria, febre typhoide, coqueluche, nevralgia, etc., e como tónico a Equinina não tem o gosto amargo nem fadiga o estomago e apresenta uma acção muito menos accentuada no systema nervoso que a quina.

Indicações:

von Noorden: Centralblatt für innere Medicin 1896, No. 48. Overlach: Deutsche Medicinalzeitung 1897, No. 15. Panegrossi: Gazzetta degli Ospedali e delle Cliniche 1897, No. 118. Conti: Gazzetta degli Ospedali e delle Cliniche 1897, No. 136. Friedrich: Orvosi Hetilap 1898, No. 1. Dr. F. Pichl: Archiv für Schiff- und Tropen-Hygiene 1897, p. 408. Dr. F. Suchomlin: Wöchentliches Journal für praktische Medicin, 1898, No. 16. Dr. A. Fauser: Orvosi Hetilap 1898, No. 18. Dr. K. M. Solonoff: Bolkinsche Hospital-Zeitung 1898, 5. März. Dr. Alexseff, Dr. Kysel, Professor Dr. Filatow: Journal de Clinique et de Therapeutiques infantiles 1898, No. 21. Dr. A. Mori: Settimana medica dello Sperimentale 1898, No. 26. Dr. G. Rondini: Il Fratico 1898, No. 18. Dr. K. Gostiew: Wratsh 1898, No. 26. Dr. N. Sapigni: Il Raccoglitore Medico di Forli 1898, August. Dr. Xaver Lawkowitz: Wiener Klinische Wochenschrift 1898, No. 41. Dr. Franz Niedermayr: Wiener Medicinischen Blätter 1898, No. 46.

**Euastrol.** — Purgativo preciso contra os calculos biliares e outras doenças do fígado. Pode ser tomado durante meses consecutivos sob a forma de *Pilulas d'Euastrol*, sem provocar efeitos secundarios.

Indicações:

Blum: Der ärztliche Praktiker 1897, No. 3.  
**Valdol.** — Apresenta effectos curativos notaveis na hysteria, na neurasthenia, nas affecções do estomago; n'este ultimo genero de doenças é applicado sobretudo á anorexia e á náusea (incluindo o corpo a bordo). Amostras, indicações, todos os outros detalhes ficam á disposição do publico.

Indicações:

Dr. Schwerevsky: Therapeutische Monatshefte, Nov. 1897.  
G. Scognamiglio: Giornale Internazionale di Medicina Pratica 1898, No. 4-6.

**Perolas de quino Zimmer.** — Contendo anilato de quino ou outros saes de quino em estado puro, sem nenhum intermedio. Estas perolas dissolvem-se immediatamente no estomago e garantem assim effecto prompto e seguro.

Indicações:

von Noorden: Die Praxis 1896, No. 2.  
Scognamiglio: Archivio Internazionale di Medicina e Chirurgia Fasc. XII. Dezemb. 1896.

OUTRAS ESPECIALIDADES

Quino, Cacao, Caffein, Extractos, Preparações de Iodo, Chocolate de Quino Zimmer  
Agente em Portugal

GERMANO A. FERREIRA — Rua dos Fanqueiros, 174, 1.º — LISBOA

# Elixir Anti-Epidemico Beirão

Approvado pela Inspectoria de Hygiene

Do PARÁ

Preservativo e curativo da febre amarella, cholera, febres intermittentes, bexigas, typho, dysenteria, béríbéri e influenza

Nenhum viajante e todos os que comprehenderem a necessidade da conservação da saude pelos meios hygienicos, e antisepticos devem internar-se nas florestas ou percorrer as regiões inexploradas em grande parte miasmaticas, sem munir-se de alguns vidrinhos, do Elixir anti-epidemico Beirão, é a mais segura garantia da conservação da vida e da saude: levam consigo a certeza de regressarem milagrosamente salvos ao seio da familia, o que infelizmente não acontece a centenas de imprudentes que não tomam esta acertada e simples medida preventiva. As pessoas, adultas que no estado de boa saude tomarem todas as manhãs e todas as noites uma colher de sopa do Elixir anti-epidemico Beirão estão isentas das graves molestias endemicas produzidas pelos fermentos miasmaticos, e particularmente das febres intermittentes, febre amarella, bexigas, cholera asiatico, vomito preto, typho dysenteria, pustula maligna, escarlatina, croup, béríbéri e influenza.

Indispensavel aos recém-chegados, deposito

Drogaria Beirão

DE

CARVALHO LEITE & C.<sup>a</sup>

103, Rua do Conselheiro João Alfredo, 103 — PARÁ



# Torre Malakoff

La Rocque & C.<sup>a</sup>

Rua do Cons.<sup>o</sup> João Alfredo, 86

PARÁ

Especialidade em artigos para

viagem, moveis e miudezas



Caixa Postal  
290

# UNIÃO PARAENSE

Ender. teleg.  
UNIÃO

*Companhia de Seguros de Vida*

Séde: Pará—BRASIL—T. da Industria, 13

## DIRECTORIA

Presidente—Bernardo Ferreira de Oliveira  
Vice-presidente—José Marques Braga

Secretario—Constantino Quadros de Carvalho

Thesoureiro—Manuel Elpidio d'Andrade  
Medico—Dr. Luciano Castro

Gerente  
Francisco Coutinho Junior

Advogado  
Dr. Filippe José de Lima

### Empreza Nacional de Navegação

Carrreira quizzional para a Costa d'Africa Occidental

Saldas a 6 e 21 de cada mez, tocando nos seguintes portos:  
— Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe,  
8. Thomé, Cabinda, Santo Antonio do Zaire,  
Ambrizeite, Ambriz, Loanda, Novo Restonim,  
Benguela, Mossamedes, Porto Alexandre e  
Ilhã de Agulhas.

N. B. — Os paquetes que sahem a 6 não fazem escala por Santo Antonio do Zaire, Ambrizeite, Bahia dos Tigres e Porto Alexandre, e os de dia 21 por Madeira, S. Vicente e Principe.

Rua da Prata, 8, 1.º

### ESTABELECIMENTO DE



LISBOA

Ferragens, Quinquarias

BIJOUTERIAS

Perfumarias finas

Bandas e bordados

Artigos de retrozeiro

BONITO SORTIMENTO

DE

Objectos para brindes

Preço fixo

Vendas por atacado e a retalho

Consultorio medico-homeopatico

Do Dr. Cesario d'Abreu

RUA AUGUSTA, 224, 226, 228

LISBOA

Consulta medico-cirurgica e partos—12 as 2 h., 3 as 10 n., dr. Arthur Braga.

Consulta medica, 3 as 6 h. da t., dr. Cesario d'Abreu.

Consulta gratuita a qualquer hora

Sapataria Luso-Brazileira

Antigamente: Moreira Bastos & Fonseca

Calçado de luxo para exportação  
Fabrico exclusivamente "Manuel",  
93, RUA DO OURO—LISBOA

## FLOR DA CHINA Bastos & Gomes

39 e 41, Rua da Palma, 39 e 41

LISBOA

Todos os melhores cafés importados directamente das nossas colonias africanas.— Chás de superior qualidade.

Variadissima collecção de chavenas para brindes, serviços de louça de Limoges, Japão e India.

Lindísimas collecções de leques de phantasia, em sandalo, marfim, madreperola, etc., etc.

Lenços da India e Xarões.

## Soares Irmão & C.ª

MATRIZ

Casa Havaneza

Rua da Installação, 7

Vendas

por grosso

Importação directa de todas as praças

Caixa postal n.º 42

Endr. teleg. HAVANEZA

HAVANOS

FILIAL

O Barbeiro Elegante

Rua Municipal, 36

Vendas

a Varejo

Permanente deposito de charutos, cigarros e fumos de todas as procedencias.

Piteiras, bolsas para fumo, e outros artigos para fumantes. Miudezas.

Completo sortido em artigos para homens e em objectos para viagem. Especialistas em roupa branca portugeza. Perfumarias.

## RESTAURANT AMERICANO

P. C. DE VASCONCELLOS

T. de S. Matheus, 24—PARA'

Serviço de primeira ordem. Accommodações luxuosas para viajantes. Acoço extremo. Illuminação electrica.

TODOS OS CONFORTOS

## Flôres de Portugal

Perfume da moda, de L. T. Piver

de PARIS

SAVON DELICIEUX

Fínissimo sabonete indispensavel nas toilette das damas. A' venda nos principaes estabelecimentos de Lisboa e provincia.

Unicos depositarios em Portugal Marques & Duarte, rua dos Retrosseiros, 72 e 74.



# Banco de Belem do Pará

Rua 15 de Novembro

## DIRECTORIA

José Marques Braga — José Taveira Lobato — Joaquim Samuel Gomes de Freitas —

José Augusto Corrêa — José Leite Chermont

CAPITAL 3.000:000\$000 RÉIS

Este Banco sacca e emitta cartas de credito sobre todas as cidades e villas de **Portugal, Hespanha e Italia**, sobre **Paris, Londres e New-York**, e bem assim sobre o **Rio de Janeiro, Ceará e Maranhão**.

## SOCIEDAD FONOGRAFICA ESPAÑOLA

Hugens Y Acosta

Barquillo 3 Duplicado

MADRID

Apparehos phonographicos de todas as classes. — Casa especial para *Phonogrammas Artísticos*, considerados como superiores a todos os que se produzem no mundo. — Sejam cilindros impressos pelos melhores artistas conhecidos de *Opera, Zarzuela, Canto Flamenco, etc.*

BANDA MILITAR DOS ENGENHEIROS DE MADRID

PEDIR OS CATALOGOS

Grandes descontos nas vendas por junto

### DOCE FINO

Recommenda-se a todas as pessoas de bom gosto, os saborosos e finissimos **POLVORONES** e **MANTECADOS**, especialidade em doce sevilhano, que se vende na acreditada casa de Francisco Vicente Alfaya — Rua da Bitesga, 4 — Lisboa.



**Cesar A. Paiva**

Cirurgião dentista

de suas magestades e altezas

Consultorio

Rua do Arsenal, 100, 1.º

LISBOA

## DUARTE & C.<sup>a</sup>

Representantes de Rocha Silva & C.<sup>a</sup>

DO

**Pará**

Armazem de estivas nacionaes e estrangeiras, especialidade em polvora e tabacos. Comissões e consignações

Rua Marechal Deodoro, 5 — MANÁOS



PROVAE

OS

DELICIOSOS

VINHOS

DO

PORTO

DE

CONSTANTINO

DE

ALMEIDA

